

# Brasília já tem uma historinha

PAULO JOSÉ CUNHA

No bate-pronto, sem mexer as pestanas nem revirar o bolso atrás de um cigarro pra dar tempo de pensar, responda, já, já: Brasília já tem história?

Não, não complica. Não estou falando na história da construção, no relato épico que os pioneiros fazem da epopéia dos candangos, da cidade rasgada a suor e sonho no meio do cerrado bravio... Nada disso. Falo de uma outra espécie de história. Aquela que se extrai das conversas demoradas e preguiçosas que escorregam pelas pedras das ruas do Pelourinho, em Salvador. Ou se espicha entre duas tulipas de chope sobre as mesas do centenário Bar Luiz, na Rua da Carioca, no Rio de Janeiro. Uma história assim mesmo, com "h" minúsculo, que rola suave em mesa de boteco ou roda de esquina. História feita das doces maledicências sobre a honra de vizinhos, na rememoração de causos que tornam leve a alma e fazem o céu parecer perto e o mundo até compreensível.

Pois ainda outro dia, numa roda de boteco ali no final da Asa Norte, quando se comemorava o aniversário deste menino bom, o Clésio, irmão de Clôdo e Climério, o Turiba deu uma *pan* pelas mesas e declarou com aquele tom de solenidade de quem atingiu a iluminação:

— É... Brasília já tem uma historinha...

Na mesa repleta, a reação foi unânime. Vladimir Carvalho, o cineasta de "Conterrâneos Velhos de Guerra", sacudiu a cabeça numa confissão muda e sincera, como se por um instante, num flash-back acelerado, rolos e rolos de filme fossem sendo exibidos na tela da memória. Nicolas Behr, o poeta botânico, lembrou saudoso do tempo em que percorria as mesas do Beirute oferecendo os livrinhos de poemas que falavam de uma cidade feita de siglas, ainda encoberta pela poeira vermelha. Lúcia Turíbio baixou os olhos, séria, tomou mais um gole de cerveja e apenas correu a vista pelo ambiente a se certificar de uma verdade qualquer que, de repente, caiu-lhe à frente. Renato Matos, inquieto como sempre, num sorriso de cumplicidade, apenas se buliu na malemolência de um reggae que teve um princípio e jamais terá fim.

Coisa mais doida. Mas Brasília, apesar desses 35 anos incompletos, "já tem uma historinha" feita dos pedaços de cada vida dos que, como eu, chegaram, foram ficando, fazendo amigos, tendo filhos, criando raízes e, agora, já se entranharam por dentro do concreto, por baixo do asfalto, por entre os galhos retorcidos do cerrado, na vastidão da paisagem da Esplanada. E bem ali, naquela mesa de boteco, enquanto uns violeiros alegravam a festa de Clésio, fomos tomados por uma gostosa sensação de irmandade, da solidariedade própria dos companheiros de viagem.

Brasília já tem uma historinha, assim mesmo: historinha com "h" miúdo, no carinho do diminutivo. Já temos o que contar. Já viajamos nesta nave louca por lugares e acontecimentos. Adquirimos uma certa memória do cotidiano. Vimos a cidade erguida em concreto e aço ganhar sonoridade própria. Um cheiro especial. Um certo jeito de corpo, um arremedo de sotaque. Um ar.

Não fosse assim, como explicar a saudade fina que se apossa do morador daqui quando viaja de férias? Uma vontade alucinada de voltar (que inda outro dia era o contrário: uma doidera sem tamanho de sair). Vontade de largar praia, boteco, vadiagem e retornar para... o que, meu Deus, se Brasília não tem praia e se passa boa parte do tempo a reclamar da secura do ar e da frieza do concreto?

Mistério de solução singela para quem quiser perceber. É que a cidade, sem a gente notar, foi ganhando uma alminha. E já rende memórias nas mesas do Beirute, no papo descansado dos velhos que se encontram ali naqueles bancos da entrada do Conjunto Nacional, no burburinho do Setor Comercial, no realejo do amolador de tesouras que acabou de passar debaixo de minha janela e me deixou numa tristura medonha.

Brasília já tem uma historinha. Já temos com que entreter nossos netos que estão pra começar a chegar.